



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Nicolle Maria Guimarães Freitas

O uso de contos populares europeus e africanos da época moderna em sala de aula

Brasília

2025



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

O uso de contos populares europeus e africanos da época moderna em sala de aula

Nicolle Maria Guimarães Freitas

Orientadora: Marina Thomé Bezzi

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do grau de licenciado
em História.

Modalidade: Material didático.

Data da defesa oral: 20 de fevereiro de 2025

Brasília

2025

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Maria Madalena e Luciano Marcelino, minha base e porto seguro. Vocês acreditaram em mim, me apoiaram incondicionalmente e me ensinaram a lutar e valorizar o que tenho. Mãe, obrigada por me apresentar o amor pela docência, e pai, por me mostrar a importância de compreender e falar sobre o passado.

Ao meu namorado, Vinícius Lopes, e à minha filha, Catharine Lopes, meu mais profundo agradecimento. Vinícius, obrigada por me apoiar em todos os momentos, mesmo quando eu duvidava de mim mesma, e por me fazer sonhar alto. Catharine, você é minha maior motivação e me inspira a ver a Universidade de Brasília como um espaço de possibilidades e futuro. Obrigada por me motivar a sempre melhorar, por me fazer rir em momentos difíceis e sempre me lembrar sobre a importância do ensino.

Sou grata também aos meus amigos Wendy, Riquelme, Ana Letícia, Davi, Maria e Rafaella, que tornaram minha jornada acadêmica mais leve e enriquecedora. Vocês me mostraram que a academia é muito mais que a sala de aula, sendo também um espaço de conexões e descobertas. Aos novos amigos, obrigada por me apresentarem uma nova história e me ajudarem a entendê-la um pouco mais. Já aos antigos, vocês estão marcados na minha alma, eu cresci com vocês e espero continuar crescendo.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Marina Bezzi, por sua paciência, carinho e orientação que ampliaram meu aprendizado e me guiaram nesta jornada. Agradeço também aos professores do Departamento de História, especialmente Leandro Rust, Suzane Rodrigues, Cristiane Portela e Ione Oliveira, por me inspirarem a aprofundar o estudo e o ensino de História.

Resumo

Resumo: Este Trabalho de Conclusão de Curso desenvolve um material didático destinado ao ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental, integrando a unidade temática “O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias” da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Fundamentado na história social e cultural e na análise comparativa de fontes primárias, o estudo utiliza os contos “O mestre de botas ou O gato de botas” e “Niani” para promover uma abordagem pedagógica ativa e investigativa. Como resultado, o material didático elaborado busca promover o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia dos estudantes na análise histórica, permitindo-lhes compreender as diferenças e semelhanças culturais entre as sociedades europeias e africanas da Época Moderna. Assim, o trabalho enfatiza uma prática de ensino baseada no diálogo entre teoria e prática com os estudantes.

Palavras-chave: Ensino de História, Época Moderna, Material didático, Contos populares, Metodologias ativas.

Abstract

Abstract: This undergraduate thesis develops didactic material for teaching history in the final years of elementary school, integrating the thematic unit “The modern world and the connection between African, American, and European societies” from the National Common Curricular Base (BNCC). Grounded in Social and Cultural History and the comparative analysis of primary sources, the study employs the tales “The Master of Boots or Puss in Boots” and “Niani” to foster an active and investigative pedagogical approach. As a result, the developed didactic material promoted the development of critical thinking and autonomy among students in historical analysis, enabling them to understand the cultural differences and similarities between European and African societies in the Early Modern Period. Thus, the project emphasizes a teaching practice based on the dialogue between theory and practice with students.

Keywords: History teaching, Early Modern, Educational material, Folktales, Active methodologies.

Sumário

1. Apresentação	7
2. Memorial acadêmico.....	8
2.1 Metodologia	9
3. Revisão bibliográfica.....	12
3.1 Os contos populares	12
3.2 Uma perspectiva africana	14
4. Visão de voo de pássaro: Europa e África na Época Moderna	15
Referências	20

1. Apresentação

Este trabalho de conclusão de curso consiste em um material de apoio didático voltado para os anos finais do Ensino Fundamental, a ser usado preferencialmente no início do sétimo ano em sala de aula ou em oficina extracurricular, no âmbito da unidade temática “O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias” da Base Nacional Curricular Comum (BNCC, BRASIL, 2018). Sendo composto pelo relatório sobre a pesquisa realizada e um material didático dividido em um guia do professor e um guia do aluno.

O material didático objetiva capacitar o estudante a identificar e comparar vestígios históricos para reconhecer diferentes formas de organização cultural das sociedades ao longo do tempo (BNCC, BRASIL, 2018). Desse modo, o material visa se distanciar do ensino de História exclusivamente narrativo e linear de eventos de curta duração. Este material estimula a identificação da historicização de um artefato ou vestígio do passado, tornando-o documento histórico, bem como sua contextualização e análise diacrônica e sincrônica. O material fomenta e exige do estudante diferentes modos de investigação para a construção de conhecimento histórico sobre uma realidade passada, desenvolvendo seu pensamento crítico (RIBEIRO; BOVO, 2014).

Este estudo fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica da história social da cultura, notadamente desenvolvida por Robert Darnton na obra *O Grande Massacre dos Gatos*, na qual o autor enfatiza a importância da história cultural como um campo que permite a investigação das ideias de diversos grupos sociais. O material explora os conceitos de temporalidade, espacialidade e diversidade étnica por meio da análise comparativa de duas fontes primárias: o conto “O mestre de botas ou O gato de botas” e o conto “Niani”. Essas duas fontes primárias foram analisadas como iniciadoras de debate sobre os aspectos culturais e sociais presentes no contexto de circulação dos contos e em seus enredos.

O conto “O mestre de botas ou O gato de botas” tem sua origem oral por volta do século XV, circulando em versões variadas principalmente nas regiões da França, Alemanha e Itália entre os séculos XV e XVIII. A transcrição analisada compõe a coletânea *Histoires ou contes du temps passés, avec des moralités*, mais conhecida por

seu subtítulo, *Contes de ma mère l'Oye* ou *Contos da Mãe Gansa*, escrita por Charles Perrault e publicada pela primeira vez em 1695. O conto “Niani” integra *ou A Epopéia Mandiga*, uma história tradicional da África ocidental, propagada mais especificamente na região do Reino Mandinga antigo, originária no século XIII. Este conto continua a ser contado pelo griots até a contemporaneidade. A versão utilizada neste trabalho foi transcrita por Djibril Tamsir Niane em 1960.¹

2. Memorial acadêmico

Meu primeiro contato com a análise histórica de contos populares foi na disciplina de História Moderna 2 em 2022, na qual refleti sobre os ganhos de se trabalhar com tipos de fonte incomuns para períodos históricos anteriores ao século XX, como os documentos marcados pela oralidade, a exemplo da análise do historiador estadunidense Robert Darnton no campo da história social da cultura setecentista, em *O Grande Massacre dos Gatos* (1988). A partir disso, passei a refletir sobre o uso de contos na Educação Básica e os desafios metodológicos de documentos que mesclam oralidade e escrita.

Por meio da minha participação no Programa Institucional e Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em 2022, aprofundi meus estudos sobre o ensino de História a partir da BNCC, em especial o uso de fontes primárias. Ademais, no PIBID, aprendi sobre a variedade dos métodos de ensino de História em diferentes sociedades, escolhendo a abordagem comparativa como método pertinente para articular historicamente diferentes espaços, tempos e culturas.

O material didático foi desenvolvido com base em uma abordagem comparativa e investigativa, articulando a análise de duas fontes primárias: o conto europeu “O mestre de botas ou O gato de botas”, transcrito por Charles Perrault em 1695, e o conto africano “Niani”, que integra a obra “Sundjata ou A Epopéia Mandiga”, transcrita por Djibril Tamsir Niane em 1960. Essas fontes foram escolhidas pela sua riqueza em elementos culturais e sociais, permitindo estabelecer um diálogo entre as experiências europeias e africanas no século XVIII. A seleção dos contos populares como fontes históricas foi

¹ A versão do conto “O mestre de botas” foi retirada da obra *Contos e fábulas* da editora Iluminuras, publicado em 2007 e traduzido por Mário Laranjeira. A versão de “Niani” foi retirada da obra *Sundjata ou A popéia Mandiga*, traduzido por Oswaldo Biato e publicado em 1982 pela editora Ática.

motivada pela minha compreensão da importância de diversificar os materiais utilizados no ensino de História. Seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), busquei fontes que possibilitassem aos estudantes identificar e comparar diferentes organizações culturais ao longo do tempo.

Para a elaboração do material didático, utilizei a plataforma Canva, que me permitiu criar um design visual atrativo e organizado. A escolha das cores foi realizada com o objetivo de facilitar a identificação dos diferentes elementos do material, em especial os guias investigativos. As cores foram selecionadas para destacar as etapas do material, tornando mais intuitivo para os estudantes e professores acompanharem as atividades propostas. Utilizei tons mais sóbrios para as seções teóricas e cores vibrantes para os exercícios práticos e situações-problema, a fim de estimular o interesse e a participação ativa dos estudantes.

Assim, neste trabalho de conclusão de curso, proponho a integração entre o aprendizado sobre história social da cultura nos espaços europeu e africano na Época Moderna e a prática e experiência do PIBID ao longo da graduação. Desse modo, adequiei a linguagem do material para estudantes de 7º ano e articulei o método comparativo de pesquisa a metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

2.1 Metodologia

A metodologia utilizada para a elaboração do relatório e do material investigativo articula a análise comparativa, métodos da história oral, social e cultural e métodos ativos de ensino. Segundo Barro (2007), a análise comparativa foi muito utilizada pelos historiadores para analisar os contos, pois possibilita examinar expressões culturais que atravessam duas realidades histórico-sociais distintas, com seus próprios repertórios de representações e práticas sociais, mas que podem compartilhar hábitos, como o da narrativa oral. A utilização desse método também dialoga com a reflexão mobilizada pela utilização de fontes em sala de aula no ensino de História segundo a BNCC. Entende-se que a identificação, comparação, contextualização e interpretação são processos fundamentais para o estímulo do pensamento crítico. A comparação é um meio para o aluno entender o outro e as suas complexidades culturais (BNCC, BRASIL, 2018).

Como a circulação dos contos no passado se dava de forma majoritariamente oral e atrelada ao cotidiano, este TCC se serviu de métodos da história oral, privilegiando os testemunhos que indicam visões de mundo e trazem observações sobre conjunturas. O estudo da oralidade também se fundamenta em métodos etnográficos desenvolvidos pelos antropólogos. Segundo Matos e Senna (2011) a história oral é, assim, um agregado de diferentes ciências humanas, como psicologia, linguística, ciência política, entre outras. Não diferentemente daquela da fonte escrita, a análise da fonte oral depende do conhecimento contextual histórico e da articulação com outras fontes documentais (MATOS; SENNA, 2011).

Desse modo, Haase (2010) argumenta que a análise da relação entre fonte e contexto deve evitar o estereótipo de que os contos populares são narrativas de linguagem fácil devido à relativa ou presumida baixa escolaridade dos seus narradores. O perfil oral dos contos não significa, portanto, que eles são descomplicados ou expressões diretas de atitudes e valores. O autor reitera a necessidade de considerar a posição histórica do narrador e sua relação com o público ouvinte. Tempo e lugar indicam os sentidos dos contos, sendo capazes de comunicar visões particulares das comunidades (DARNTON, 1988).

No presente trabalho, o uso do termo “oralidade” refere-se às proposições de Paul Zumthor e Walter J. Ong. Zumthor (2018) entende a oralidade não apenas no sentido linguístico de comunicação por meio da fala, mas também como um fenômeno que envolve elementos performativos. Para ele, a oralidade é um modo de transmissão de mensagem que envolve a comunidade e as diferentes dimensões do seu cotidiano. Consequentemente, é necessário analisá-la com base nas suas estruturas, em vez de classificá-la de acordo com os padrões da comunidade letrada. Desse modo, utilizar classificações baseadas na perspectiva letrada descaracterizaria a natureza dos pensamentos gerados pelas comunidades orais, como sugerido na expressão “literatura oral”, criticada por Ong e Zumthor.

Para Ong (2002), este termo sugere a incapacidade de representar verbalmente as heranças materiais produzidas por essas sociedades. O pensamento e a expressão formulados oralmente estariam enraizados na consciência e no inconsciente, dissociados da forma letrada de pensar. Embora seja uma forma de expressão específica, a oralidade

não desaparece quando transcrita, sendo possível, portanto, uma reprodução dessas estruturas orais de pensamento. O processo de transcrição não deve ser visto apenas como uma passagem linear de oralidade para escrita, mas como uma relação complexa de compartilhamento de experiências (ONG, 2002). Nesse sentido, além da oralidade, os contos integram tradições escritas. Esse fenômeno é evidenciado na transcrição. O agente histórico, ao transcrever esses contos, transforma seus enredos a luz de sua própria realidade. Assim, estudar contos é, também, abordar a tensão entre oralidade e escrita, considerando que as fronteiras culturais entre ambas não são estanques.

Com os métodos anteriores, as abordagens da história cultural e social viabilizam o estudo sobre a construção social do conto e sua influência no seu contexto de circulação, além de explicitar as interações entre as camadas populares e letradas da sociedade. Peter Wilson (2008) concebe a cultura popular como uma forma de cultura não oficial que confere importância às classes periféricas, mantendo, contudo, uma relação não excludente com as elites. Essa relação não é uma dicotomia alternante entre o popular e o elitista, mas sim uma interação dinâmica entre diversas subculturas, que se sobrepõem e se influenciam mutuamente.

Um dos elementos importantes da análise sociocultural do conto é como os símbolos e o mundo simbólico foram utilizados para dar sentido à vida, ao longo do tempo. Segundo Darnton (2020), assim como existem diferentes línguas, existem formas diversificadas de interpretar o mundo, expressas também por meio do simbolismo. Segundo Vansina (2010), a tradição oral africana foi definida como “um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra”, cujas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão. Segundo esta concepção, a tradição oral perpassa a experiência diária e se aprofunda sobre os modos de relação em comunidade e com o mundo.

A partir destas abordagens, o presente material didático utiliza métodos ativos de aprendizagem, por meio dos quais os alunos constroem seu próprio conhecimento histórico a partir da análise investigativa de fontes documentais. Para Machado e Sasseron Santos (2019), a abordagem investigativa é uma forma de engajamento dos alunos em relação aos conteúdos apresentados. Assim, partindo da investigação de um problema, o estudante cria hipóteses em busca da resolução: experimenta, observa e debate,

participando do próprio processo de ensino/aprendizagem (MORAES *apud* GUIMARÃES, 2020).

O ensino por investigação surgiu como uma tendência do ensino de ciências durante a metade do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, recebendo grande influência do filósofo e pedagogo americano John Dewey. Para ele, essa forma de ensino consiste em educar os estudantes para se tornem participantes ativos do próprio processo de aprendizagem (ZÔMPEIRO; LABURÚ, 2011). Dessa forma, a abordagem investigativa se estrutura em um ensino por descoberta, caracterizada por questionamentos e pela resolução de problemas, resultando no desenvolvimento de um pensamento reflexivo. Dewey desenvolveu um modelo de investigação que compreendia uma estrutura que envolvia a detecção de situações intrigantes, o esclarecimento da situação-problema, a formulação de hipóteses, o teste e a revisão das hipóteses para a elaboração da solução (ZAMPIERON, 2021). Segundo Zômpero e Laburú (2021), na primeira metade do século XX, esse método ganha o novo objetivo de desenvolver habilidades necessárias para os estudantes resolverem questões relacionadas ao meio social. Atualmente, o ensino por investigação vem se consolidando no sistema educacional brasileiro e sendo discutido por autores que buscam a implementação de modelos investigativos para diferentes áreas do ensino (ZAMPIERON, 2021).

3. Revisão bibliográfica

3.1 Os contos populares

O estudo de contos populares reúne, desde o século XIX, contribuições de diferentes áreas, como a folclorística, antropologia, linguística e história. Antes da consolidação de um campo de estudos sistematizado, estudiosos dos contos ocuparam-se em transformar os contos orais em escritos. O registro documental de tais contos surgiu em coletâneas de forma autônoma e não hegemônica, como em *Conta da Mamãe Gansa* (1695), do aristocrata francês Charles Perrault (1628-1703) e *O Conto dos Contos*, do escritor italiano Giambattista Basile (1566-1632).

No século XIX, a disciplina da folclorística consolida-se como o campo de estudo para coletar e documentar os contos populares, canções e lendas. Estudiosos como Stith

Thompson (1885-1976) e Antti Aarne (1867-1925) buscaram padronizar, pela primeira vez, o estudo dos contos e propuseram uma classificação de contos populares indo-europeus a partir de temas e estruturas narrativas, em uma metodologia “histórico-geográfica”. A partir de tal classificação, criaram-se técnicas posteriormente utilizadas também por historiadores para estudar tradições orais. Além disso, a classificação de Thompson e Aarne mostrava variações dos contos de acordo com a região de circulação, abrindo caminho para uma história comparativa (DARNTON, 1988). O acadêmico russo Vladimir Propp (1984) se aprofundou no assunto, atualizou essas classificações e criou uma morfologia estrutural dos contos com o objetivo de subsidiar estudos históricos.

O teórico literário Max Lüthi (1909-1991) foi pioneiro na análise dos símbolos contidos nos contos. Ao investigar contos populares e o folclore alemães, analisou a estrutura e o significado de contos populares como “Cinderela” e “João e Maria” e demonstrou como essas histórias eram importantes para a cultura e sociedade alemãs. Além disso, demonstrou a recorrência de certos símbolos e imagens em histórias populares e sua importância para o significado dessas histórias. Lüthi argumentava que os contos populares são uma forma de narrativa que refletia as necessidades e desejos de uma sociedade. No campo da história social e cultural, destacam-se os estudos de Robert Darnton (1939-) sobre a sociedade francesa através dos símbolos contidos em contos populares.

Atualmente, debatem-se as diferenças entre contos populares e contos de fadas. Os teóricos da literatura Jack Zipes (1937-) e Ruth B. Bottighimer (1939-) argumentam que os contos populares e de fadas teriam estruturas, funções, públicos e contextos completamente diferentes. Em *Fairy Tale: A New History*, Bottighimer defende a necessidade de distinguir esses dois tipos de contos e esclarecer suas diferentes históricas e identidades. Primeiramente, os contos populares seriam propagados por uma tradição oral, consequência da sua origem camponesa. Já os contos de fadas teriam origem na burguesia, em centros urbanos, e seriam propagadas pela escrita. O conto popular poderia se transformar em conto de fadas não tanto por adquirir personagens mágicas, mas principalmente pelo processo de tradução social entre comunidades rurais e urbanas. Essa diferença é, segundo Jack Zipes (2000), fruto de transformações ocorridas desde o século XVIII até o XIX, quando letrados da burguesia e da aristocracia passaram a criar e

transcrever contos populares e transformar a perspectiva social e popular dos contos em aspectos mágicos, trazendo, por sua vez, suas próprias perspectivas e criando, assim, um novo gênero: o conto de fadas literário.

Em suma, a análise histórica dos contos populares tem adotado diferentes abordagens desde o século XIX. Focados na diferenciação entre contos populares e de fada, estudos contemporâneos enfatizam a importância de se conhecer a tipologia documental e defendem que os contos, populares ou de fada, são uma forma de narrativa que reflete e, ao mesmo tempo, intervém nas sociedades. Os contos são, assim, fonte valiosa para compreender as comunidades onde circulam.

3.2 Uma perspectiva africana

O estudo da história africana foi prejudicado por estigmas ao longo de séculos. Narrativas eurocêntricas insistiam na suposta ausência de fontes históricas em regiões do continente africano, sugerindo que, apenas através de documentos criados por observadores externos, seria possível conhecer e contar sua história. Característicos do século XIX, esses paradigmas integravam uma postura colonialista europeia, que se via como civilizada e superior e, por contraste, enxergava as sociedades africanas como primitivas e inferiores. Como resultado, a função histórica da tradição oral africana foi desconsiderada e marginalizada (KI-ZERBO, 2010).

Ki-Zerbo (2010) argumenta que, a partir do momento em que a história da África começou a ser contada através de fontes africanas, foram criadas metodologias para analisá-las. Essas fontes, segundo Ki-Zerbo (2010), necessitam de análises multidisciplinares, como a linguística, antropologia e sociologia, para o seu melhor entendimento. Além disso, a História Oral demonstra-se estruturante para história de períodos mais remotos do continente, aparecendo como um repositório para o entendimento de noções socioculturais.

Parte das tradições orais, os contos populares compõem a história do continente. Em geral, os contos africanos registram a história até um certo ponto, com o objetivo de instruir, edificar, entreter e/ou reivindicar direitos (VANSINA, 1965). Desse modo, os contos fornecem detalhes sobre o passado através de testemunhos inconscientes, além de

serem fontes importantes para a história das ideias, dos valores e da habilidade oral. Para Ki-Zerbo, as tradições orais exigem o estudo do meio social e suas visões de mundo determinadas pela própria cultura.

4. Visão de voo de pássaro: Europa e África na Época Moderna

A época moderna (séculos XV-XVIII) é marcada transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, intelectuais e religiosas, com variações locais, regionais e continentais e intercontinentais em escala planetária. Esta seção explora as estruturas gerais da Europa e da África do século XVIII, com um enfoque particular nos aspectos socioculturais e nas regiões compreendidas atualmente como França e Mali.

O final da Época Moderna na Europa é marcado por um conjunto de mudanças: novos modos de sociabilidade orientados pelo consumo e entretenimento na esfera pública, entendida aqui como um movimento de associações e de grupos sociais que se reuniam para discutir temas considerados importantes. Essas dinâmicas passaram a caracterizar diversos grupos na sociedade, incluindo camadas populares (WILSON, 2008).

A oralidade era constituinte de dinâmicas urbanas e rurais europeias em atividades de colheita, transações comerciais, socialização religiosa e governamental, missas dominicais, procissões públicas, reuniões e assembleias. Para Wilson (2008), além de serem marcadas pela oralidade, essas formas de sociabilidade envolviam elementos rituais e performativos, fazendo interagir a oralidade com a cultura escrita – manuscrita e impressa.

Além disso, na França e em outras regiões da Europa, existiam comunidades camponesas organizadas em aldeias. A vida na aldeia era regida por estruturas coletivas que submetia os camponeses a uma gestão coletiva da agricultura. Assim, em uma espécie de propriedade comum, o campesinato compartilhava o cultivo, equipamentos e práticas cotidianas. Havia uma cultura de solidariedade e de seguridade social, na qual viúvas, órfãos e famílias mais pobres poderiam sobreviver pela exploração de bosques e campos (MENZ; LENK, 2024).

Na Europa do século XVIII, houve um aumento significativo da comercialização, da profissionalização das indústrias de lazer, da diversificação dos espaços de sociabilidade e a proliferação de clubes e sociedades. Segundo Wilson (2008), as tabernas tinham um papel especial na sociabilidade, pois mantinham resquícios das tradições camponesas do início da era moderna, resistindo às pressões eclesiásticas, políticas e morais que visavam sua extinção.

As tabernas se tornaram pontos de encontro tanto para as camadas populares quanto para as eruditas. As fronteiras culturais entre as camadas populares e eruditas se apresentam complexas e permeáveis. Um exemplo dessa relação é o fenômeno da busca dos membros das camadas populares em se assemelhar às elites, enquanto as elites buscavam novas maneiras de se distinguirem. O entretenimento forneceu um “pano de fundo” às transformações das elites (WILSON, 2008).

Segundo Burke (1989), o crescimento populacional no meio rural que impulsionou a expansão urbana decorrente do êxodo rural foi um fator central para as mudanças nas formas de interação entre as culturas de elite e popular. Esse processo resultou de transformações nos modos de produção agrícola e nas relações de poder entre os séculos XVI e XVIII. Assim a expansão demográfica no fim do século XVIII está intrinsecamente ligada à Revolução Agrícola, caracterizada pelo aumento da produtividade, maior eficiência do trabalho e melhor aproveitamento do cultivo. Contudo, esse fenômeno gerou crise nas agriculturas tradicionais, afetando principalmente as economias familiares camponesas. Como resultado, muitas famílias buscaram, nas cidades, novas oportunidades de sobrevivências (MENZ; LENK, 2024).

Com o aumento das cidades, o equilíbrio entre áreas rurais e urbanas foi alterado, integrando regiões mais distantes nas redes de mercado. A expansão comercial também transformou a relação entre a Europa e outras partes do mundo em uma dinâmica de colonização e exploração. Essas mudanças tiveram impactos variados, beneficiando certos grupos sociais enquanto excluía outros. Como resultado, as distinções sociais se acentuaram, contribuindo para a formação de uma sociedade mais complexa e estratificada (WILSON, 2008).

As monarquias da Época Moderna buscavam fortalecer suas dinastias por meio de reformas jurídicas e fiscais, articulando negociações e colaborações com os poderes regionais. Esse processo baseava-se na tolerância às resistências locais e às distorções de condutas, em vez de medidas coercitivas diretas. Por tanto, o fortalecimento do Estado estava mais relacionado à satisfação das elites locais com as reformas administrativas do que ao uso da força. No entanto, práticas coercitivas, como taxaço excessiva, conscrição militar e a perseguição religiosa, ainda persistiam no final da Era Moderna, colocando em risco o pacto estabelecido entre os reis e as sociedades políticas (MELO, MACHEL, 2024).

Outra parte estruturante desse governo foi a religião cristã, que desempenhou um papel central na construção da ordem social na Europa. No início da Era Moderna, as igrejas católicas atuavam em um contexto de poder territorial fragmentado, disputando autoridade com outras fontes de legitimação do poder. Com o avanço da centralização territorial, a religião passou a organizar uma identidade coletiva estatal, dando origem ao conceito de “súdito-fiel”. Nesse cenário, o papado assumiu o papel de um educador e disciplinador dos indivíduos, moldando comportamentos e exercendo controle sobre a vida cotidiana. Esse processo permite compreender as raízes das guerras religiosas, a repressão às heresias e o disciplinamento social moderno. Ademais, no final da Época Moderna, a Europa experimentou mudanças políticas significativas, como o fortalecimento dos governos monárquicos e a consolidação dos Estados Nacionais, enquanto a religião cristã permanecia como elemento estruturante das relações de poder (MELO, MACHEL, 2024).

Ao longo da Época Moderna, o continente africano também passou por transformações sociais, políticas e culturais por meio de processos estruturais como a expansão do comércio escravista, a disseminação do cristianismo e do islamismo, e o advento do capitalismo. Ogot (2010) argumenta que essas mudanças refletem a mutabilidade das estruturas e instituições africanas, em um contexto de processos históricos de longa duração que marcaram a interação entre dinâmicas locais e externas.

Apesar – ou além – das influências europeias no cotidiano dos povos africanos, o continente apresentava modelos sociais complexos anteriores à presença europeia. As sociedades africanas variavam de chefatura simples a estruturas mais complexas, com

hierarquias sociais bem definidas, divisão do trabalho, instituições governamentais organizadas e sistemas de circulação de riquezas. Essa diversidade estrutural era uma característica marcante, evidenciando que a complexidade política e econômica não foi resultado de influências externas, mas frutos de dinâmicas locais anteriores e autônomas (MACEDO, 2013).

Segundo o Ogot (2010), no final da época moderna a África presenciou uma expansão tanto das religiões quanto das forças políticas. A dimensão religiosa adquiriu relevância em diversas civilizações, transformando as dinâmicas sociais em áreas antes afastadas de conflitos religiosos. Paralelamente, novos modelos de produção agrícola emergiram em certas regiões, assemelhando-se às estruturas feudais europeias, com relações de vassalagem e direitos de propriedade sobre terra. Essas mudanças alteraram a relação da população com o território e a produção agrícola. Entre as novas estruturas econômicas africanas da Época Moderna destacam-se dois modelos econômicos: a economia de pilhagem no norte e leste do continente, e a economia baseada em entrepostos comerciais nas regiões centrais e ocidentais.

A história do Império Mali reflete esses processos desde sua criação, ampliação e declínio. Localizado na África Ocidental, o império se estabeleceu ao longo de importantes rotas comerciais que fomentaram trocas econômicas, sociais, religiosas e culturais. Sua origem remonta ao século XIII, persistindo até o século XVII. Algumas narrativas tradicionais atribuem sua fundação à união de caçadores que deixaram o Império Gana para formar as terras mandingas, enquanto outras destacam o papel de Sundjata Keita, o primeiro imperador, na unificação do Mali. Durante seu governo, o império construiu uma tradição de ampla negociação com outros territórios e manteve relações multiculturais em seu território. Segundo Romero (2011) o Império se localizava entre outros reinos, havendo uma relação produtiva na qual buscavam suprir as demandas uns dos outros, proporcionando o estabelecimento de rotas comerciais que por consequência desenvolveram esses impérios. Geralmente, a política e economia desses governos era baseada no comércio de sal e de outros. A religião islâmica assumiu papel estruturante em diferentes aspectos da vida, como na difusão da alfabetização pela escrita árabe e no compartilhamento de tecnologias, costumes e conhecimentos.

O apogeu do Império ocorreu durante o reinado de Mansa Musa (1312-1337), que ampliou as riquezas do reino e consolidou sua influência. Devido a sua peregrinação a Meca, o Império passou a adorar elementos da cultura árabe, desde as vestimentas até arquitetura. Esse intercâmbio cultural fomentou um florescimento intelectual em Tombuctu, transformando-a em um importante centro de conhecimento (PINTO; MOTA, 2024).

Além disso, império Mali foi um Estado multicultural e multinacional, abrangendo vastos territórios ocupadas por diferentes grupos étnicos. Por isso, apesar da islamização crescente, principalmente entre a nobreza e comerciantes, as tradições africanas continuaram a coexistir. Após a morte Mansa Mussa, pressões internas e externas levaram à fragmentação do império em pequenos reinos (ROMERO, 2011).

Para os historiadores Otavio Pinto e Thiago Mota (2024) a religião Islã desempenhou um papel crucial na integração de regiões africanas ao restante do mundo, conectando o continente a redes comerciais globais. A religião contribuiu para a criação de novos códigos legais, a expansão da alfabetização pela escrita árabe e a circulação de ideias que influenciaram transformações políticas e sociais, muitas vezes mediadas pelo jihad. Além disso, cidades como Tombuctu e Gao tornaram-se importantes polos comerciais e culturais, atraindo intelectuais e mercadores de diversas partes do mundo islâmico.

As transformações ocorridas durante a Época Moderna foram cruciais para as formações sociopolíticas do continente africano, ao mesmo tempo em que refletiam as pressões externas sobre suas organizações. Enquanto as sociedades africanas davam origem a grupos étnicos distintos e culturas próprias, elas também começaram a integrar-se aos circuitos comerciais globais. No século XVI, a maior parte da África permanecia relativamente independente em termos políticos e econômicos, mas, gradualmente, o continente passou a estabelecer relações mais estreitas com a Europa, América e Ásia, alterando profundamente o modo de vida de suas populações (OGOT, 2010).

Referências

- BARROS, José D' Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BOTTIGHEIMER, Ruth. *Fairy tales: a new history*. New York: Excelsior Editions/State University Of New York Press, 2009.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CHARLES, Perrault. *Contos e fábulas*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GUIMARÃES, Jeane. *Metodologias ativas de aprendizagem no ensino de Geografia: um caminho possível para a formação da autonomia investigativa nos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental*. Minas Gerais: UFMG, 2020.
- HAASE, Donald. *The Greenwood Encyclopedia of Folktales and Fairy Tales*. Westport: Greenwood Press, 2008.
- HAASE, Donald. Decolonizing Fairy-Tale Studies. *Marvels & Tale*, Wayne, v.24, n.1, p. 17–38, 2010.
- (Org.), História geral da África. Brasília: Unesco, 2010.
- MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- MACHADO, Vitor; SASSERON, Lucia. As perguntas em aulas investigativas de ciências: a construção teórica de categorias. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. Minas Gerais, v. 12, n. 2, p. 29–44, 2012
- MELO, Bruno; MACHEL, Marília. Sistemas políticos e estrutura de poder. In: ARAÚJO, André et al (Org.), *A Época Moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 2024.

- MATOS, Júlia.; SENNA, Adriana. História oral como fonte: problemas e métodos. *Historiæ*. Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95–108, 2011.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia dos contos maravilhosos*. Rio de Janeiro: Ed. Florense Universitária, 1984.
- RIBEIRO, Rosa; BOVO, Regina. A promoção da educação histórica na escola: os desafios da avaliação diagnóstica em História. *Revista História Hoje*. São Paulo, v. 2, n. 4, p. 315–338, 2014.
- ROMERO, Flora. Reinos Sudaneses - pujança econômica e cultural na África medieval. *TEL Tempo, Espaço e Linguagem*. Paraná, v. 2, n. 3, p. 187–197, 2011.
- VANSINA, Jean. *Oral tradition: a study in historical methodology*. London: Routledge And Kegan Paul. 1965.
- ONG, Walter. *Orality and literacy: the technologizing of the word*. London: Routledge, 2002.
- WILSON, Peter. *A Companion to Eighteenth-Century Europe*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2008.
- ZAMPIERON, Tainara. *Guia com Propostas de Atividades Investigativas*. Santa Catarina: EduCapes, 2021.
- ZIPES, Jack. *The Oxford Companion to Fairy Tales*. Toronto: Oxford University Press, 2000.
- ZÔMPERO, Andreia; LABURÚ, Carlos. Atividades investigativas no ensino de ciências: Aspectos históricos e diferentes abordagens. *Belo Horizonte: Revista Ensaio*, v. 13, n. 03, p. 67–80, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Autora: Nicolle Guimarães
Orientadora: Marina Thomé Bezzi

Material Investigativo

História Moderna por contos

70
ANO



UnB

Autora: Nicolle Maria Guimarães Freitas
Orientadora: Marina Thomé Bezzi

Material investigativo: História moderna por contos

Produto educacional vinculado ao Trabalho de conclusão de curso: O uso de contos populares africanos e europeus da Época Moderna em sala de aula.



Guia
do professor

Sumário

Guia do professor.....	4
Apresentação.....	5
Metodologia.....	6
Como utilizar o material?.....	7
Debate sobre a fonte.....	8
Análise de “O gato de botas”	10
Análise de Sundjata e o conto “Niani”	13
Conceitos-chave.....	16
Sequência didática	18
Bibliografia	23

Apresentação

Caro professor,

Este material didático resulta de um trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Licenciatura em História pela Universidade de Brasília e objetiva contribuir para o ensino de aspectos da Época Moderna (c.1400-1800) em perspectiva comparada e orientada pela análise de duas fontes históricas que circularam em sua forma oral no século XVIII: o conto popular europeu “O mestre de botas ou O gato de botas” e o conto africano “Niani”.

Desse modo o material objetiva capacitar o estudante a identificar e comparar vestígios históricos para reconhecer diferentes formas de linguagens bem como de organização cultural das sociedades ao longo do tempo (BNCC, BRASIL, 2018). Estrurado a partir a unidade temática da BNCC “o mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias” o material se ampara na Lei 10.639 para o ensino de História da África.

Nas páginas seguintes, você encontrará um guia do professor, contendo explicações sobre o tema, juntamente com um plano de aula para estudantes do 7º ano e um guia do aluno. Os métodos utilizados incluíram análise comparativa e a métodos ativos de ensino, com o objetivo de estimular a autonomia dos alunos no processo de ensino e aprendizagem e promover a análise crítica de fontes históricas como parte da formação da “atitude historiadora”.

Metodologia

A análise comparativa foi empregada, neste trabalho, para comparar contos africanos e europeus – uma abordagem comumente adotada no estudo dos contos por viabilizar a análise de suas variações relacionadas a diferentes contextos. Barros (2007) argumenta que a comparação possibilita examinar duas realidades histórico-sociais distintas com representações e práticas sociais próprias, mas que podem compartilhar hábitos semelhantes, como o da literatura oral. Também foi utilizado métodos ativos de ensino através da abordagem investigativa para que o aluno passe de espectador para protagonista na aula. Essa forma de ensino, segundo Zampieron (2021), utiliza atividades problematizadoras e fomentadoras do diálogo, envolvendo os estudantes na busca de resoluções de um problema e na construção do próprio conhecimento.

Como utilizar o material?

O material proposto requer, pelo menos, cinco aulas de 45 minutos para sua aplicação. A primeira aula deve ser destinada à explicação de conceitos-chave sobre o conteúdo. A segunda sobre a condução e a forma da atividade prática. A terceira servirá como um momento de pesquisa e de discussão sobre o tema. A quarta aula será dedicada à leitura das fontes históricas. E, na quinta e última aula, os alunos deverão escrever e apresentar uma narrativa histórica referente às etapas anteriores. Para isso, será exposto, no plano de aula, os procedimentos metodológicos para aplicação do guia do aluno. Este guia apresenta uma situação-problema a ser resolvida pelos alunos, estimulando-os a desenvolverem hipóteses, realizarem pesquisas e analisarem fontes históricas. Para tal, o professor deve auxiliar os alunos em cada etapa com perguntas motivadoras que incentivem a participação ativa dos estudantes.

Debate sobre a fonte e suas principais características

O estudo de contos populares do século XVIII reúne contribuições de diferentes áreas da folclorística, antropologia, linguística e história. O esforço de registro escrito desses contos se deu como transcrições independentes por escritores interessados no assunto e é posterior e, ao mesmo tempo, se sobrepõe à sua circulação oral. À medida que a área da folclorística se consolidava no século XIX, aprofundavam-se os estudos desses contos por meio de sua classificação histórico-geográfica. Segundo Darnton (1988), esse novo método permitiu identificar variações de temas e estruturas nesse tipo de narrativa. No século XX, a pesquisa se concentrou na análise sociocultural dos símbolos dos contos, crescentemente considerados uma forma de literatura que refletia as necessidades e desejos da camada popular¹.

Os estudos recentes sobre contos europeus têm buscado diferenciar as estruturas, funções e contextos produtivos dos contos populares daqueles dos contos de fadas. Os contos populares teriam sido propagados por uma tradição oral entre camponeses, enquanto os contos de fadas teriam origem burguesa e circulação escrita. Segundo Zipes (2000), ao transcreverem os contos populares, membros da burguesia e da aristocracia alteravam seus elementos populares, inserindo elementos mágicos e imbuindo ao enredo sua própria experiência social.

Já os estudos recentes sobre contos africanos, focam na vasta extensão territorial e a rica diversidade étnico-cultural mobilizada por eles e na necessidade, portanto, de se articular diferentes métodos atentos à identidade cultural e resistência para

¹ Camada popular é entendida como uma espécie de cultura não oficial e por meio do qual as classes periféricas adquirem relevância.

compreender a relação entre os contos e tradições orais. Vansina (1965) afirma que os contos africanos desempenham múltiplos papéis, desde instruir até entreter e reivindicar direitos. Em ambos os contextos, os contos são relatos e memorizações de acontecimentos – reais e/ou ficcionais e servem tanto para entreter quanto para saberes cotidianos. Desse modo, a análise de um conto não deve se voltar à sua veracidade, mas aos modos de suas representações (GOTLIB, 2006).

Análise de “O gato de botas”

O conto “O gato de botas” possui variações pela Europa, com origens que remontam ao século XV e circulação oral até o século XVIII. Compreender os aspectos socioculturais desse período requer uma análise das experiências cotidianas, questões regionais e algumas generalizações (DARNTON, 1988). Para tal, este material didático apresenta as estruturas gerais dos contextos europeu e africano no século XVIII, com foco nos seus aspectos culturais e sociais.

O final da Época Moderna na Europa traz um conjunto de mudanças, um novo regime de sociabilidade pelo consumo e entretenimento na esfera pública, entendida como um movimento de associações e de grupos sociais que se reuniam para discutir temas considerados importantes, passou a ser presente para grande parte da sociedade, incluindo camadas populares (WILSON, 2008).

A oralidade era constituinte de dinâmicas urbanas e rurais europeias em atividades de colheita, transações comerciais, socialização religiosa e governamental, missas dominicais, procissões públicas, reuniões e assembleias. Para Wilson (2008) além de serem marcadas pela oralidade, essas formas de sociabilidade envolviam elementos rituais e performativos, fazendo interagir a oralidade com a cultura escrita – manuscrita e impressa.

Além disso, na França e em outras regiões da Europa, existiam comunidades camponesas organizadas em aldeias. A vida na aldeia era regida por estruturas coletivas que submetia os camponeses a uma gestão coletiva da agricultura. Assim, em uma espécie de propriedade comum, o campesinato compartilhava o cultivo, equipamentos e práticas cotidianas. Havia uma cultura de solidariedade e de seguridade social, na qual viúvas, órfãos e

famílias mais pobres, poderiam sobreviver pela exploração de bosques e campos (MENZ; LENK, 2024).

Na Europa do século XVIII, houve um aumento significativo da comercialização, da profissionalização das indústrias de lazer, da diversificação dos espaços de sociabilidade e a proliferação de clubes e sociedades. Segundo Wilson (2008), as tabernas tinham um papel especial na sociabilidade, pois mantinham resquícios das tradições camponesas do início da era moderna, resistindo às pressões eclesiásticas, políticas e morais que visavam sua extinção.

As tabernas se tornaram pontos de encontro tanto para as camadas populares quanto para as eruditas. As fronteiras culturais entre as camadas populares e eruditas se apresentam complexas e permeáveis. Um exemplo dessa relação é o fenômeno da busca dos membros das camadas populares em se assemelhar às elites, enquanto as elites buscavam novas maneiras de se distinguirem. O entretenimento forneceu um “pano de fundo” às transformações das elites (WILSON, 2008).

Desse modo, é possível compreender o fenômeno da transcrição dos contos populares, uma vez que esses contos compunham o entretenimento das camadas populares. Os contos passaram a serem transformados pelas elites, que buscava adaptar a narrativa ao próprio público leitor. Muitas vezes, os escritores modificavam o gênero dos personagens, aspectos estéticos e, sobretudo, o desfecho da narrativa, visando aumentar o interesse dos leitores. Sendo este o contexto da narrativa de “O mestre de botas ou O gato de botas”, transcrito por Charles Perrault, um aristocrata francês. Perrault conservou a estrutura da narrativa, mas alterou o gênero do gato, que nas versões orais era feminino, e adicionou elementos mágicos, como a presença do ogro.

O conto gira em torno da morte de um moleiro e a distribuição de

sua herança entre os filhos: o mais velho herda um moinho, o do meio um asno, e o filho mais novo recebe um gato. Inicialmente desanimado, o filho mais novo duvida que o gato possa trazer qualquer prosperidade. No entanto, o gato consegue convencê-lo da existência de novas oportunidades para ascender socialmente. Em Perrault, o verdadeiro herói da narrativa é o gato, que utiliza a comunicação para beneficiar tanto o dono quanto a si. Assim, as palavras do gato, combinadas com truques e artimanhas, se transformam em comida (MARIN, 1977). Darnton (1988) demonstra que o conto, ao mesmo tempo, diverte e retrata a luta pela escassez de recursos que divide os pobres dos ricos. Os personagens compartilham desejos comuns centrados na busca por riqueza e objetivos cotidianos, como um saco de dinheiro ou um casamento próspero.

Análise de Sundjata e o conto “Niani”

Sundjata é uma história tradicional da África ocidental, propagada mais especificamente na região do Reino Mandinga antigo, na qual através da oralidade atravessou séculos, continuando a ser contada por uma extensa linhagem de djelis² e permanecendo enraizada na memória coletiva desse povo. A lenda é composta por uma série de contos que narra a vida do herói Sundjata Keita, o fundador do Império Mali e sua origem remonta ao século XIII. A versão utilizada neste trabalho foi escrita por Djibril Tamisir Niane em 1960, um djelis criado na tradição oral. Segundo o próprio autor, ele transcreveu a narrativa feita pelo djeli Mamadu Kuyatê, o qual contou a história dos feitos e a vida de Sundjata Keita, imperador que unificou o Mali (LEÃO, 2017).

Essa narrativa não conta apenas a história do Império, mas também apresenta elementos da cultura e modo de vida do grupo étnico Mande, demonstrando como o senso de comunidade e solidariedade prevalecem nesse meio. Desse modo, a história conta lições que percorrem entre reflexões sobre o comportamento humano até a superação de dificuldades vivenciadas pelo personagem principal. Apresentando também, a importância da própria história e dos valores de seus ancestrais, onde há uma valorização dos djelis e o elo com o passado (LEÃO, 2017).

O sujeito histórico Sundjata, nasceu na região do Mandem, localizada ao oeste da África e viveu durante o século XIII. Pertencente a um clã de caçadores, filho de Nare Fa Maghan e Sologon Kondé. Sundjata, nasceu com paralisia, precisando enfrentar obstáculos para se tornar um grande guerreiro, tendo seu legado permanecido após a morte, Sundjata fundou o Império do

² Na África do Oeste os griots tradicionalistas são chamados djeli, pois a palavra griot é de origem francesa, criada pelos colonizadores.

Mali em 1235, estabelecendo um governo centralizado com exércitos treinados, permitindo uma expansão militar significativa, tornando Mali um dos maiores impérios da África. Seu sucessor, Mansa Musa I, continuou seu legado fazendo o império atingir novos patamares (LEÃO, 2017).

Assim, Mali controlou rotas de comerciais entre o norte e o sul da África e foi intermediário da exploração e tráfego de ouro, sal, cobre, marfim e pessoas escravizadas. Mercadores muçulmanos foram atraídos por essa atividade comercial, e o Império do Mali se tornou um centro de comércio, especialmente na cidade de Timbuktu. Desse modo, o império se tornou multicultural, com influências animistas tradicionais e islâmicas. O Império do Mali entrou em declínio nos anos 1460, devido a guerras civis, novas rotas comerciais e a ascensão do vizinho Império Songai. Apesar disso, o Mali manteve o controle de uma pequena parte do império ocidental até o século XVII (CARTWRIGHT, 2019).

A história de Sundjata retrata um herói dedicado, altruísta e profundamente conectado à família Keita e suas tradições. Sua infância foi marcada por dificuldades devido a uma paralisia, mas ele buscou superá-la ao sentir a tristeza de sua mãe, que era constantemente humilhada pelas outras esposas do rei, uma vez que Sundjata não conseguia realizar as tarefas comuns para crianças de sua idade. Embora tenha herdado o trono de seu pai, este foi usurpado por seu irmão mais velho, levando Sundjata a buscar exílio em terras distantes. Essa decisão foi tomada não apenas para salvar sua própria vida, mas também para proteger sua mãe e seus irmãos. Mesmo vivendo confortavelmente em Nema, Sundjata retorna quando seu povo pede sua ajuda contra a opressão de Sumaoro Kantê. De volta, ele conquista o reino, libertando o Manden. Em todas as suas ações, Sundjata nunca pensa em si, mas sempre no bem-estar coletivo (LEÃO, 2017).

O conto Niani é o penúltimo conto da história de Sundjata e apresenta o desfecho do herói, que retorna à cidade natal e a reconstrói. Nela o senso de comunidade é latente, onde diferentes povos se ajudam, e Sundjata abdica de seus privilégios para o seu povo. Além disso, nesse momento é demonstrado a unificação do império, promovida por Sundjata devido ao seu domínio diplomático e sua relação com os outros reinados. Sendo, por tanto, a história de um guerreiro ancestral, que se tornou símbolo da virtude africana.

Conceitos-chave

Oralidade e Tradição Oral: A oralidade é o processo de transmissão de conhecimentos, histórias e valores por meio da fala. Vansina (1965) destaca que, em contextos africanos, a tradição oral desempenha papéis fundamentais, como educar, preservar a memória coletiva e reforçar identidades culturais.

Fenômeno da Transcrição: Refere-se ao processo pelo qual narrativas orais, como contos populares, são convertidas em textos escritos. Segundo Zipes (2000), essa transcrição geralmente envolve alterações que adaptam as histórias ao gosto das classes dominantes, modificando aspectos culturais e sociais originais. Para Darnton (1988), a transcrição dos contos populares na Europa Moderna refletia tensões entre cultura erudita e cultura popular.

Fontes Históricas: As fontes históricas são documentos, objetos ou registros que permitem aos historiadores investigar o passado. No material, são trabalhadas fontes narrativas (contos populares) que revelam aspectos socioculturais das populações africanas e europeias do século XVIII. É importante lembrar que os contos são de origem literária, na qual é analisada como uma forma buscar significados culturais presentes em sua origem.

Análise de Fontes: A análise de fontes históricas envolve a leitura crítica de documentos para compreender o contexto em que foram produzidos e suas implicações sociais e culturais. Le Goff (1990) afirma que toda fonte é um vestígio do passado, mas também uma construção que reflete as intenções e perspectivas de quem a produziu.

Cultura Popular: A cultura popular engloba os saberes, práticas e expressões culturais produzidos e compartilhados pelas classes subalternas. Burke (1989) argumenta que estudar a cultura popular permite compreender as formas de resistência e adaptação aos

discursos hegemônicos, além de revelar como as classes populares reinterpretam e ressignificam suas experiências cotidianas.

Camponeses da Europa: Durante a Época Moderna, os camponeses europeus viviam em comunidades rurais estruturadas por relações de servidão, trabalho coletivo e práticas de subsistência. Segundo Menz e Lenk (2024), essas comunidades possuíam uma organização baseada na solidariedade, com uso compartilhado de terras e equipamentos. Wilson (2008) destaca que a sociabilidade camponesa era marcada pela oralidade, rituais comunitários e resistência às imposições da Igreja e do Estado. Além disso, suas relações eram marcadas pela busca da sobrevivência e ascensão financeira.

Djelis e a sociedade Malinka: Os djelis, também conhecidos como griots, são guardiões da memória oral na sociedade Malinka. Eles desempenham o papel de contadores do passado, conselheiros políticos e mediadores culturais. Leão (2017) explica que os djelis preservam e transmitem as tradições do Império Mali, reforçando identidades coletivas e legitimando o poder dos líderes. Vansina (1965) argumenta que a oralidade, através dos djelis, é uma fonte vital para compreender a história africana pré-colonial.

Sequência didática

Público alvo: estudante do 7 ano

Tema: estudo comparado de contos populares europeus e africanos da Época Moderna.

Conteúdos: Europa moderna; África no século XVIII; ensino com fontes históricas.

Objetivo de aprendizagem: desenvolver autonomia dos estudantes em identificar, comparar, criticar, contextualizar o período histórico analisado e vestígios históricos.

Metodologia: aula expositiva dialogada e metodologia ativa de ensino

Duração: 5 horas aula

BNCC

Unidade temática: O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias

Objeto de conhecimento:

- Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial.

Habilidade:

- (EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.
- (EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

Recursos didáticos: material didático, folha, caneta, projetor, aparelho com acesso à internet, livro didático.

Fontes:

PERRAULT, Charles. Contos e Fábulas. Editora Iluminuras, 2007.

TAMISIR, Djibril. Sundjata ou A epopéia Mandiga. Editora Ática, 1982

Avaliação: participação texto reflexivo e apresentação final.

Plano de aula 1

Aula expositiva dialogada de conceitos básicos para atividade

Etapa	Duração	Procedimentos didáticos
Orientação	5 min	• Divulgar os objetivos e tema do trabalho que será feito. • Explicar a importância da participação ativa de investigação e discussão.
Principais conceitos	10 min	• Exposição dialogada sobre a análise dos contos populares como fontes históricas
Contexto histórico	10 min	• Iniciar a exposição buscando refletir sobre o que eles já aprenderam sobre o período moderno. • Introduzir o contexto histórico dos contos. Apresentação do recorte temporal e espacial e cultural¹.

Plano de aula 2

Introdução do Guia

Etapa	Duração	Procedimentos didáticos
Preparação	5 min	• Orientar sobre como a atividade deverá ser feita. Recomenda-se dividir os alunos em grupos de pelo menos 5 pessoas para que todos consigam apresentar seus trabalhos.
Principais Orientações e exposição do guia	10 min	• Entrega do guia do aluno • Apresentar os procedimentos e a importância da investigação. • Orientar as etapas do trabalho, que se inicia com a situação problema, levantamento de hipótese, pesquisa e escrita dos resultados.

¹ Para se aprofundar no contexto histórico favor recorrer ao trabalho de conclusão de curso, na unidade: Contextualização histórica

Plano de aula 3

Apresentação e pesquisa

Etapa	Duração	Procedimentos didáticos
Orientação	5 min	• Organização da turma em grupos
Passo 1	35 min	• Ler a situação problema em conjunto com os grupos e auxiliar nas possíveis dúvidas. • Para a pesquisa, recomendam-se algumas opções, como: disponibilizar um pequeno texto sobre os assuntos chaves, livro didático ou encaminhar os alunos para um laboratório de informática. Tal escolha depende da realidade da escola.
Preparação	5 min	• Orientar os passos da próxima aula

Plano de aula 4

Trabalhando com as fontes

Etapa	Duração	Procedimentos didáticos
Orientação	15 min	• Organização da turma em grupos
Passo 2	20 min	• Leitura guiada das próxima etapa do trabalho. • Nesse momento eles terão acesso à primeira fonte, sendo importante relembrar a importância de uma análise crítica sobre ela.
Preparação	5 min	• Orientar os passos da próxima aula

Plano de aula 5 Momento da escrita e debate ²		
Etapa	Duração	Procedimento didático
Organização	5 min	• Organização da turma em grupos
Passo 4	15 min	• Leitura guiada da próxima etapa do trabalho • Após lerem as fontes e material, os alunos devem iniciar sistematizar suas ideias em um texto corrido.
Passo 5	15 min	• O momento para os grupos compartilharem suas análises.
Reflexão final	10 min	• Avaliar a realização do trabalho investigativo • Oportunizar a exposição das percepções do aluno sobre a dinâmica da atividade e suas impressões sobre os conhecimentos adquiridos

² A atividade de escrita pode ser destinada como tarefa de casa, assim essa aula pode ser apenas a apresentação.

Referências

- BARROS, José. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- Cartwright, Mark. O Império de Mali. *World History Encyclopedia*, 2019.
- DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GOTLIB, Nádia Botella. Teoria do conto. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006
- LEÃO, Elaine. Sundjata Keita: a saga do herói ancestral. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5718>, acesso em: 06 junho. 2024.
- MARIN, Louis. Puss-in Boots: Power of Signs. *Signs of Power. Diacritics*, vol. 7, no. 2, 1977, pp. 54–63, 2023.
- VANSINA, Jean. Oral tradition: a study in historical methodology London: Routledge And Kegan Paul. 1965.
- WILSON, Peter. A Companion to Eighteenth-Century Europe. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2008.
- ZAMPIERON, Tainara. Guia com Propostas de Atividades Investigativas. Santa Catarina: EduCapes, 2021.
- ZIPES, Jack. The Oxford Companion to Fairy Tales. Toronto: Oxford: University Press, 2000.



Guia do aluno



Sumário

Apresentação.....	3
Passo 1 - Situação problema.....	4
Passo 2 - Primeiro contato.....	5
Passo 3 - Explorando as histórias.....	8
O gato de botas.....	9
Niani.....	16
Passo 4 - Construindo uma narrativa histórica.....	24
Passo 5 - Compartilhando descobertas.....	25

Apresentação

Caro aluno,

Este é o seu Guia Investigativo, projetado especialmente para te transformar em um verdadeiro detetive do passado! Neste guia, vamos dividir tudo em passos, como se fossem peças de um quebra-cabeça. Se você seguir os passos com curiosidade e atenção, construirá um pequeno texto sobre o passado e seus vestígios. E, para isso você precisará questionar, pesquisar e escrever. Agora é hora de explorar e contar eventos que moldaram o mundo que conhecemos hoje!

Passo 1 - Situação problema

Vamos lá! O período que você deverá estudar se passa no final da Idade Moderna e o seu desafio é criar uma narrativa que conte a história das populações dessa época. Seu foco será na comparação entre duas regiões, a África e a Europa, especificamente Mali e França respectivamente. Você precisa responder à seguinte pergunta: como viviam as populações africanas e europeias durante o século XVIII?

O seu primeiro passo é levantar algumas hipóteses, ou seja, imaginar formas que você pode responder a essa pergunta. Em seguida, você deve pesquisar sobre suas hipóteses, para isso você deve utilizar o seu livro didático e acessar os seguintes sites:

www.cafehistoria.com.br

www.sohistoria.com.br

www.ensinarhistoria.com.br

www.historiapublica.sites.ufsc.br

DICA!

Tente levantar dados sobre o período e o local estudado, ou seja, quem são essas pessoas que você deve estudar. Essas pessoas se organizam em distintas classes sociais? Se sim, quais eram? Como elas se relacionavam? O que faziam para se divertir? A sociedade africana tem alguma coisa parecida com a europeia? E diferenças? Depois de levantar esses primeiros dados, pesquise também sobre fontes históricas e quais tipos você pode utilizar.

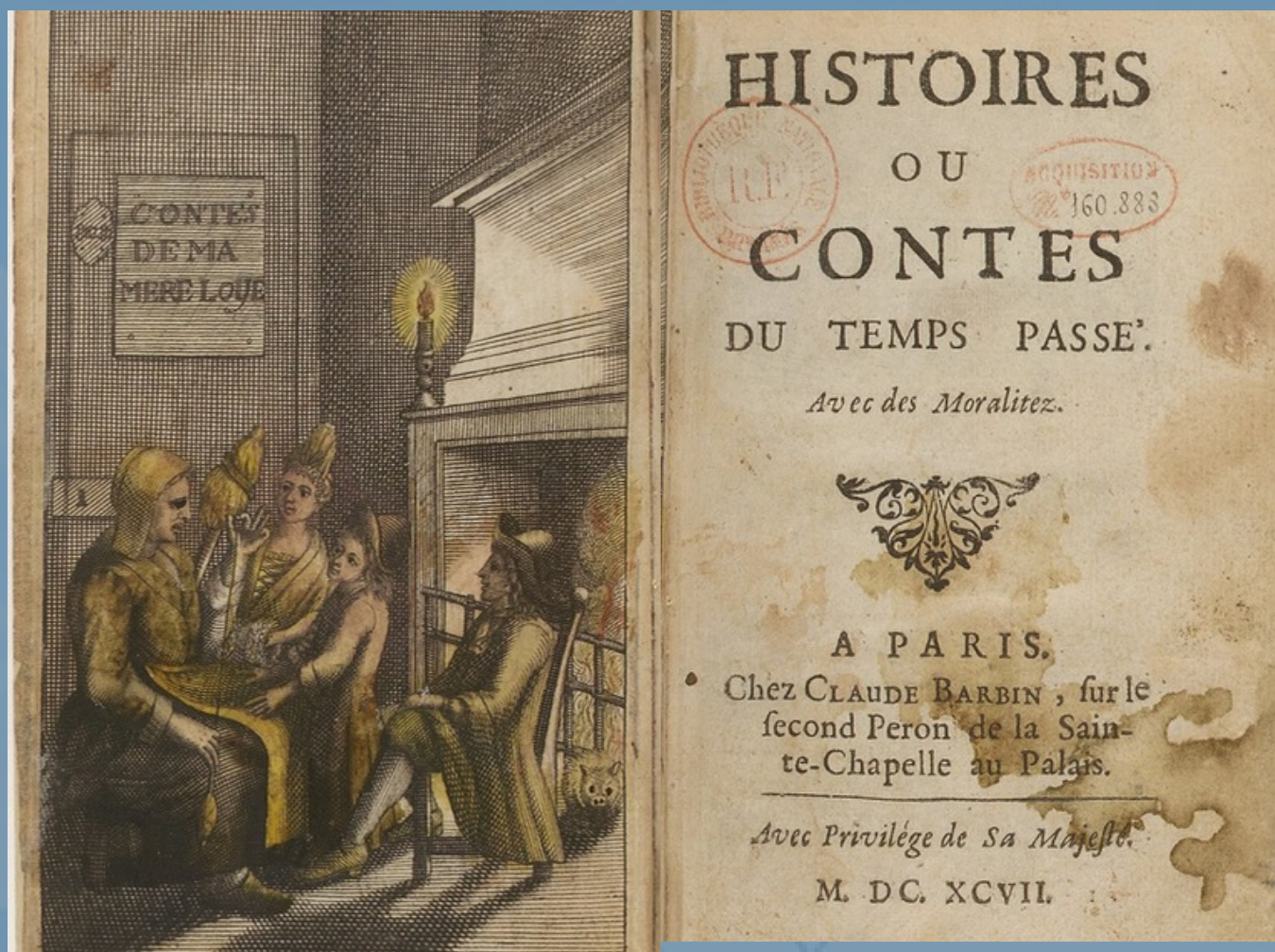
Passo 2 - Primeiro contato

Agora que você já entendeu um pouco sobre as fontes que você pode analisar, é hora de colocar em prática suas habilidades e mergulhar em algumas fontes disponíveis. Essas são as fontes que você irá analisar, então preste atenção nos detalhes.

DICA!

Busque analisar o que você está vendo: nomes, títulos e datas são importantes.

Imagem 1 - Frontispício da obra "Histoires ou contes du temps passé"



Fonte: Perrault (1697)

Imagem 2 - Frontispício da obra "Sundjata ou A epopéia Mandinga"



Fonte: Niane (1982)

Passo 3 - Explorando as Histórias

Você já sabe o nome das fontes, os contos populares: "O Gato de Botas" e "Niani". Agora precisa arrecadar mais informações, então esse é o momento de identificá-los. Ou seja, você fará uma pesquisa nas próprias fontes, para isso faça perguntas, buscando suas principais informações para entender melhor do que tratam. Faça perguntas como: Qual é a mensagem principal do conto? Quais elementos do período você observa na história? Há algo que te chama atenção? Como os personagens se relacionam?

É importante ler essas fontes com bastante atenção e refletir sobre como, através dessa histórias, pode extrair costumes e hábitos do período analisado.

O gato de botas



Fonte: Perrault (1843)

Um Moleiro deixou como únicos bens para os três filhos que tinha o seu Moinho, seu Burro e seu Gato. Logo foi feita a partilha, nem o Tabelião nem o Procurador foram chamados.

Eles logo ganhariam todo o patrimônio. O mais velho ficou com o Moinho, o segundo, com o Burro, e o mais novo com o Gato. Este último estava

inconsolável com a pobreza do seu quinhão: "Meus irmãos", dizia, "poderão ganhar a vida honestamente trabalhando juntos; quanto a mim, quando tiver comido o meu gato, e tiver feito com sua pele um agasalho para as minhas mãos, vou ter de morrer de fome."

O Gato, que estava ouvindo sem dar a perceber, disse com ar grave e sério: "Não se aflija, meu Senhor, o senhor só precisa me dar um Saco e mandar fazer um par de botas para eu andar no mato, e verá que o senhor não está tão mal servido quanto acha." Embora o Dono do gato não pusesse muita fé no que ouvia, tinha visto o Gato dar tantas provas de habilidade para pegar Ratazanas e Camundongos, como quando os pegava pelos pés, ou quando se escondia na farinha para fingir-se de morto, que não perdia a esperança de ser ajudado em sua miséria.

Quando o Gato obteve o que pediu, calçou garbosamente as botas e, colocando o saco ao pescoço, pegou o cordão com as duas patas da frente e se foi para uma charneca onde havia muitos coelhos. Colocou farelo e folhas de serralha dentro do saco e, deitado como se estivesse morto, esperou que algum

coelhinho novo, pouco sabedor ainda das astúcias do mundo, viesse se enfiar no saco para comer o que ele havia posto ali. Mal tinha deitado, teve uma alegria: um coelhinho estouvado entrou no saco e o Mestre Gato, puxando de logo os cordões, pegou-o e matou-o sem misericórdia.

Todo orgulhoso com sua presa, foi até a casa do Rei e pediu para falar com ele. Fizeram-no subir aos aposentos de Sua Majestade onde, tendo entrado, fez uma grande reverência ao Rei e disse: "Eis aqui, Majestade, um Coelho da Charneca que o Senhor Marquês de Carabás (era o nome que resolveu dar ao seu Dono) me encarregou de presentear Vossa Majestade de sua parte"; - Diz a teu Senhor", respondeu o Rei, "que lhe agradeço e que ele me deu muita satisfação." Em outra ocasião, foi esconder-se num campo de trigo, sempre segurando o seu saco aberto; e quando duas Perdizes entraram nele, puxou os cordões e as prendeu a ambas.

Foi depois apresentá-la ao Rei, como tinha feito com o Coelho da charneca. O Rei recebeu também com prazer as duas perdizes e mandou que lhe dessem um presentinho. O Gato continuou assim, durante dois ou três meses, a levar para o Rei os frutos da caça de seu Dono. Um dia em que ele soube que o Rei iria passear à beira



Fonte: Perrault (1843)

do rio com sua filha, a mais bela princesa do mundo, disse ao seu Dono: "Se o senhor quiser seguir o meu conselho, sua fortuna está feita: o senhor só tem que ir nadar no rio, no lugar que eu vou indicar, e depois deixe o resto por minha conta".

O Marquês Carabás fez como o



Fonte: Perrault (1843)

Gato lhe aconselhava, sem saber para que ia servir. Enquanto se banhava no rio, o Rei veio a passar, e o Gato pôs-se a gritar com todas as suas forças: "Socorro! Socorro! o Marquês de Carabás está se afogando!" Ao ouvir esses gritos, o Rei pôs a cabeça para fora da porta da carruagem e, reconhecendo o Gato que tantas vezes lhe havia

trazido Caças, ordenou aos seus Guardas que fossem depressa socorrer o Senhor Marquês de Carabás. Enquanto retiravam o pobre Marquês do rio, o Gato aproximou-se da Carruagem e disse ao Rei que, enquanto seu Senhor estava nadando, tinham chegado alguns Ladrões que roubaram as suas roupas, embora ele tivesse gritado com força: "pega ladrão"; o malandro as havia escondido debaixo de uma grande pedra. O Rei ordenou de imediato que os Oficiais de seu Guarda-roupa fossem buscar um de seus mais belos trajes para o Senhor Marquês de Carabás.

O Rei lhe fez mil gentilezas e, como as belas roupas que tinham acabado de lhe dar realçavam a sua boa fisionomia (pois ele era uma pessoa bela e bem talhada), a filha do Rei gostou bastante dele, e foi só o Conde de Carabás lhe dirigir uns dois ou três olhares muito respeitosos, e um pouco meigos, para ela ficar loucamente apaixonada. O Rei quis que ele subisse em sua carruagem e o acompanhasse no passeio. O Gato, contentíssimo de ver que o seu plano começava a dar certo, tomou a dianteira e, encontrando uns Camponeses que ceifavam um campo, disse-lhes: "Gente boa que está ceifando, se vocês não disserem ao Rei que o campo que está ceifando pertence ao Senhor Marquês de Carabás, serão todos picadinhos miúdos como carne de pastel". Quando o Rei perguntou aos Ceifadores de quem era

aquele Campo que estavam ceifando, "É do Senhor Marquês de Carabás", disseram todos juntos, pois a ameaça do Gato os havia Amedrontado. - Tendes, aí uma bela herança", disse o Rei ao Marquês de Carabás. - "Estais vendo, Majestade", respondeu o Marquês, "é um campo que nunca deixa de dar boas colheitas todos os anos."

O Mestre Gato, que ia sempre à frente, encontrou uns Colhedores de trigo e disse-lhes: "Gente boa que está colhendo, se vocês não disserem ao Rei que todo esse trigo pertence ao Senhor Marquês de Carabás, serão todos picadinhos miúdo como carne de pastel". O Rei passou momentos depois e quis saber a quem pertencia todo aquele trigo que estava vendo. "É do Senhor Marquês de Carabás", responderam os Colhedores, e o Rei mais uma vez ficou contente com o Marquês. O Gato, que ia à frente da Carruagem, dizia sempre a mesma coisa a todos que encontrava; e o Rei estava admirado com os enormes bens do Senhor Marquês de Carabás. O Mestre Gato chegou finalmente a um Castelo cujo dono era um Ogro, o mais rico que jamais se tinha visto, pois todas as terras por onde o Rei havia passado eram da dependência desse Castelo.

O Gato, que tinha tomado o cuidado de se informar sobre quem era esse Ogro, coisa que sabia fazer bem, pediu para falar com ele, dizendo que não queria passar perto do Castelo sem ter a honra de fazer-lhe uma reverência. O Ogro recebeu-o tão civilmente quanto pode um Ogro, e o fez descansar. "Garantiram-me", disse o Gato, "que o senhor tem o dom de se transformar em toda espécie de Animais, que poderia, por



Fonte: Perrault (1843)

exemplo, se transformar num Elefante?" - "Isso é verdade", respondeu o Ogro bruscamente, "e para lhe mostrar, o senhor vai me ver transformado num Leão." O Gato, ficou tão espantado de ver um Leão diante de si, que pulou logo para o beiral do telhado, não sem dificuldade e perigo, por causa de suas botas que não serviam para andar sobre as telhas.

Algum tempo depois, o Gato, vendo que o Ogro havia deixado a sua primeira forma, desceu e confessou que tinha tido um pouco de medo. "Garantiram-me ainda", disse o Gato, "mas eu não consigo acreditar, que o senhor tem também o poder de tomar a forma de Animais pequenos, por exemplo, de se transformar em um Rato, num Camundongo; confesso que acho isso totalmente impossível." - "Impossível", retrucou o Ogro, "o senhor vai ver", e na mesma hora ele se transformou num Camundongo, que começou a correr pelo chão. Mal o Gato viu isso, pulou em cima dele e o comeu. Entretanto, o Rei, que viu ao passar o lindo Castelo do Ogro, quis entrar nele.

O Gato, que ouvira o barulho da Carruagem que passava pela ponte levadiça, correu à frente e disse ao Rei: "Vossa Majestade seja bem-vinda ao Castelo do Senhor Marquês de Carabás". - "Como, Senhor Marquês", exclamou o Rei, "o Castelo também é seu?! Não pode haver nada mais belo do que este pátio e do que todos esses Edifícios que o cercam; vamos ver por dentro, por favor". O Marquês deu a mão à jovem Princesa e, seguindo o Rei que subia primeiro, entraram numa grande Sala onde encontraram uma ceia magnífica que o Ogro tinha mandado preparar para seus amigos que deviam vir visitá-lo naquele mesmo dia, mas que não ousaram entrar ao saber que o Rei estava lá. O Rei, encantado com as qualidades do Senhor Marquês de Carabás, assim como a filha que estava louca por ele, e vendo os grandes bens que possuía, disse-lhe, depois de

beber uns cinco ou seis goles: "Só depende do senhor, Senhor Marquês, vir a ser meu genro". O Marquês, fazendo grandes reverências, aceitou a honra que lhe oferecia o Rei; e já no mesmo dia, casou-se com a Princesa. O Gato se tornou um grande Senhor, e nunca mais correu atrás de ratos, a não ser para se divertir.

MORAL

Por maior que seja o interesse
De gozar de uma rica herança
Que de pai a filho viesse,
Para os jovens, segundo a
usança,
Valem mais a indústria e
esperteza
Que a já garantida riqueza.

OUTRA MORAL

Se o filho de um Moleiro, com
presteza
Ganha o amor de uma Princesa,
E a faz lançar-lhe olhar mortiço
e carinhoso,
É que a roupa, as feições e a
juventude
Para inspirar ternura, amiúde
São meios cujo efeito é
poderoso.

Para saber mais

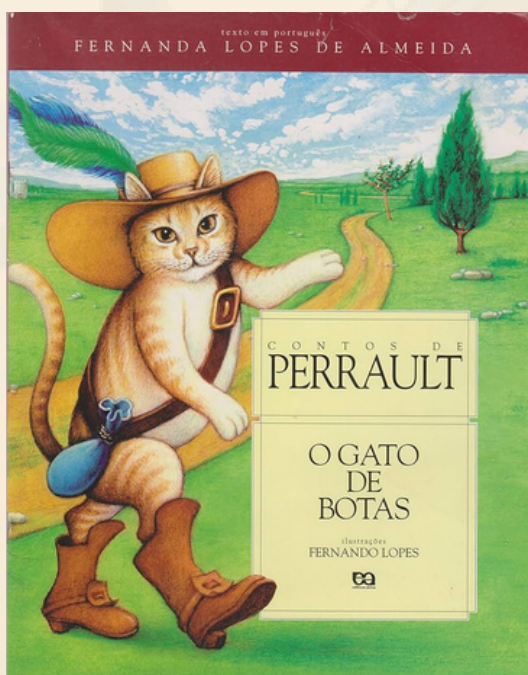
A versão do “Mestre de botas ou gato de botas” foi republicada ao longo dos anos, havendo variações nas ilustrações e no enredo de acordo com o público leitor. Repare nessas mudanças e no que pode significar.



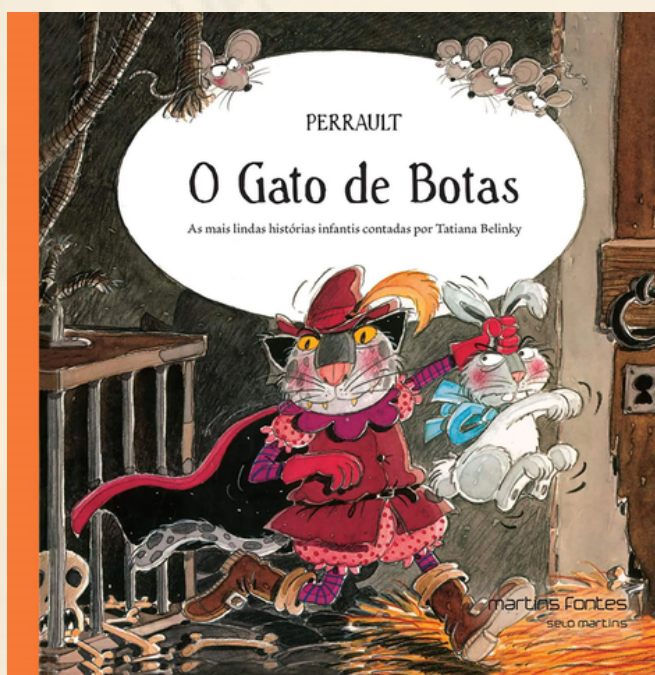
Fonte: Perrault (1697).



Fonte: Perrault (1843).



Fonte: Lopes (2005).



Fonte: Belinky (2015).

Niani

Depois daquela grande assembleia, Sundjata ainda ficou alguns dias em Ka-ba. Para o povo, foram dias de festa. Djata, todos os dias, mandava matar para o povo centenas de bois retirados do imenso tesouro de Sumaoro. Na grande praça de Ka-ba, as moças da cidade vinham colocar ao pé dos mirantes grandes cabaças de arroz e carne. Qualquer pessoa podia vir comer o que quisesse e ir-se embora, sem mais nada. Em breve, Ka-ba foi povoada por pessoas vindas de todos os



Fonte: Barbosa (2014)

horizontes, atraídas pela abundância. Um ano de guerra havia esvaziado todos os celeiros e todos vinham receber sua parte, das reservas do rei de Sosso. Diz-se mesmo que certas pessoas, durante a estada de Sundjata em Ka-ba, se instalaram definitivamente na cidade. Foi uma época de ouro: elas dormiam à noite sobre os mirantes e, ao acordar, encontravam cabaças de arroz a seus pés. Foi essa a época em que se cantou em honra de Sundjata o hino à abundância:

Ele chegou
E a felicidade chegou.
Sundjata está aqui
E a felicidade está aqui,

Contudo, era chegado o tempo de rever o Mandinga natal. Sundjata reuniu seu exército na planície; cada povo destacou um contingente para acompanhar o Mansa até Niani. Todos os povos se separaram em Ka-ba numa atmosfera de amizade e de alegria da paz reencontrada.

Sundjata e sua gente deviam atravessar o Djoliba para penetrar no velho Mandinga. Dir-se-ia que todas as pirogas do mundo

havam marcado encontro no porto de Ka-ba. Era a estação seca, e o rio não tinha muita água. Os pescadores Somonos, aos quais Sundjata havia dado o monopólio da água, faziam questão de agradecer o filho de Sogolon: eles colocaram todas as pirogas, lado a lado, através do Djoliba, a fim de que os Sofas de Sundjata pudessem atravessar o rio sem molhar os pés.

As aldeias do Mandinga deram a Maghan Sundjata um acolhimento sem precedente. Em tempos normais, um pedestre leva dois dias para cobrir a distância entre Ka-ba e Niani; o filho de Sogolon e sua tropa levaram três dias. O caminho para o Mandinga, desde o rio, estava bordejado de uma fileira humana dupla. Saídos dos diversos cantos do Mandinga, todos os habitantes queriam ver de perto o salvador. As mulheres do Mandinga quiseram fazer-se notar e não deixaram de conseguilo: na entrada de cada aldeia, atapetavam a estrada com suas mantas coloridas, para que o cavalo de Djata não sujasse seus pés ao entrar na sua aldeia. Na saída das aldeias, as crianças saudavam Djata, segurando nas mãos ramos viçosos e com as exclamações: "Wassa WassaAyê...

Sundjata caminhava na frente, vestido com seus trajes de rei-caçador, blusa simples, calça colante, arco na bandoleira. Ao seu lado, Balla Fasseké ainda trazia sua roupagem de festa, rutilante de ouro. Entre o estado-maior de Djata e a tropa, haviam colocado Sosso-Balla, em meio aos fetiches de seu pai, embora



Fonte: Barbosa (2014)

ele já não tivesse as mãos atadas. Como em Ka-ba, cobriam-no continuamente de insultos, de modo que o prisioneiro não ousava levantar os olhos sobre a turba hostil. Algumas pessoas, sempre prontas a apiedar-se, diziam entre si:

- Como a sorte depende de tão pouca

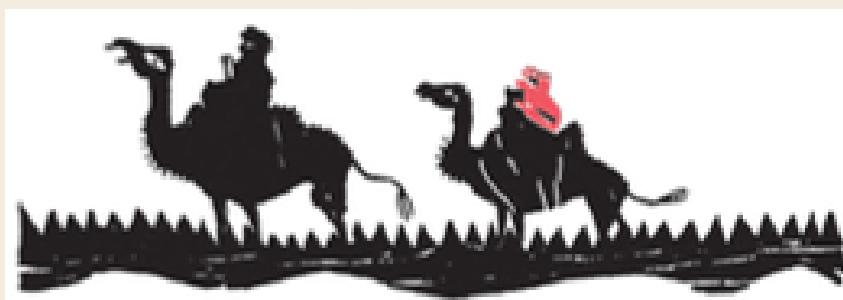
coisa!

- É verdade, o dia em que se é feliz é também o dia em que se é mais infeliz, porque, iludido pela felicidade, ninguém imagina o que é o sofrimento.

As tropas marchavam cantando o Hino ao Arco, que a multidão retomava, a seguir. Novas cantigas voavam de boca em boca. As moças ofereciam água fresca e nozes de cola aos soldados; e foi assim que a marcha triunfal terminou diante de Niani, a cidade de Sundjata.

Era uma cidade em ruínas, que os habitantes começaram a reerguer: uma parte das muralhas havia sido destruída; os muros calcinados ainda traziam sinais de incêndio. Do alto da colina, Djata contemplou Niani, que parecia uma cidade morta; viu a planície de Sunkarani e viu também a praça do jovem baobá. Os sobreviventes da catástrofe mantinham-se alinhados ao longo da estrada do Mandinga; as crianças agitavam ramos de árvores, algumas moças cantavam. Mas os adultos não diziam nada.

- Se feliz - disse Balla Fasseké - tu terás a felicidade de reerguer Niani, a cidade de teus pais; mas pessoa alguma poderá jamais refazer Sosso de suas ruínas; os homens perderão até mesmo a lembrança da localização da cidade de Sumaoro



Fonte: Barbosa (2014)



Com Sundjata, a paz e a felicidade entraram em Niani. Amorosamente, o filho de Sogolon fez reconstruir sua cidade natal; restaurou ao estado antigo o recinto fortificado de seu pai,

onde ele havia crescido. De todas as aldeias do Mandinga vinham pessoas instalar-se em Niani. Foi preciso destruir os muros para aumentar a cidade; construíram-se novos quarteirões para cada povo do exército imenso.

Sundjata deixara seu irmão Manding Bory em Bagadu-Djeliba, sobre o rio: ele era o Kankoro Sigui de Sundjata, isto é, o Vice-Mansa. Manding Bory supervisionava todos os países conquistados. Quando terminou a reconstrução da capital, ele foi guerrear no sul, para afugentar os povos da floresta. Recebeu uma embaixada do país de Sangaran, em que algumas tribos de Kondê se haviam instalado. Embora elas não estivessem representadas em Kurukan Fugan, Sundjata concedeu-lhes sua aliança, e elas foram colocadas em pé de igualdade com os Kondes, do país de Do.

Ao fim de um ano, Sundjata reuniu uma nova assembleia em Niani, mas agora tratava-se da assembleia dos notáveis do reino e dos reis do império. Os reis e os notáveis de todos os povos se reuniram em Niani: os reis falaram de sua administração, os notáveis falaram dos reis. Fakoli, sobrinho de Sumaoro, havendo-se revelado independente demais, teve de fugir para evitar a cólera do Mansa. Suas terras foram confiscadas e os impostos de Sosso foram entregues diretamente para os celeiros de Niani.



Fonte: Barbosa (2014)

Desse modo, a cada ano, Sundjata reunia em seu redor os reis e os notáveis; com isso, a justiça reinava por toda parte, visto que os reis tinham medo de serem denunciados em Niani.

A justiça de Sundjata não poupava quem quer que fosse: ele seguia a palavra de Deus rigorosamente;

protegia o fraco contra o forte, as pessoas consumiam vários dias de marcha para vir pedir-lhe justiça. Sob seu sol, o justo foi recompensado, o perverso foi punido.

Com a paz reencontrada, as aldeias conheciam agora a prosperidade, porque, com Sundjata, a felicidade alcançara todo o mundo. Vastos campos de milho, arroz, algodão, anil cercavam as aldeias, quem trabalhava tinha de que viver. Todos os anos, longas caravanas levavam o "Mudé" para a capital, Niani.

Podia-se viajar de uma aldeia a outra sem receio de bandidos: cortava-se a mão direita do ladrão e, se ele reincidisse, era metido a ferros.

Nasciam novas aldeias, novas cidades, no Mandinga e em outras partes, os "Diulas", ou comerciantes, tornaram-se numerosos. Sob o reino de Djata o mundo conheceu a felicidade.

Há reis que são poderosos graças à sua força militar: todo o mundo treme diante deles. Contudo, quando eles morrem, só se fala mal deles. Há outros, que não fazem nem bem, nem mal: quando morrem, são simplesmente esquecidos. Outros são temidos porque têm força, mas sabem utilizá-la e são amados porque amam a justiça. Sundjata pertenceu a este último grupo. O povo o temia, mas o amava também. Ele foi o pai do Mandinga; ele deu a paz ao mundo. Depois dele, o mundo não conheceu o maior conquistador, pois ele foi o sétimo e último conquistador.



Fonte: Barbosa (2014)

Da pequena aldeia paterna, ele fizera a capital de um império. Niani tornara-se o umbigo da terra. Nas terras mais afastadas, falava-se de Niani e os estrangeiros diziam: "Quem vem do Mandinga não adianta mentir", porque o Mandinga era um país longínquo para muitos povos.

Os griots, bons falantes, para clogiar Niani e o Manding costumavam dizer:

- Se queres sal, vai a Niani, porque Niani é o lugar de acampamento das caravanas do Sahel.

Se queres ouro, vai a Niani, já que Burê, Bambugu e Wagadu trabalham para Niani."

Se queres ouro, vai a Niani, já que Burê, Bambugu e Wagadu trabalham para Niani."

"Se queres peixe, vai a Niani: é lá que os pescadores de Mauti e de Djenë vêm vender o seu produto."

Se queres carne, vai a Niani, país dos grandes caçadores, e também país de boi e do carneiro."

"Se queres ver um grande rei, vai a Niani, pois é lá que reside o filho de Sogolon, o homem com dois nomes."

Isso é o que cantavam os mestres da palavra.

Dentre as grandes cidades do império, devo citar Kita, a cidade da água abençoada, que se tornou a segunda capital dos Keitas.

Citarei Tabon, a desaparecida, a cidade das portas de ferro. Não esquecerei Do, nem Kri, a pátria de Sogolon, a mulher-búfalo.

Citarei também Kukuba, Batamba e Kambasiga, as cidades dos Sofas; citarei a cidade de Diaghan, Mema, a cidade da hospitalidade, e Wagadu, onde reinava a descendência de Djulu Karo Naini.

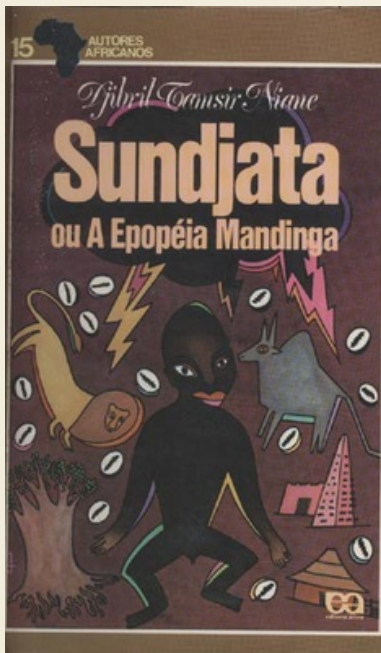
Quantas ruínas amontoadas, quantas cidades desaparecidas!

Quantas solidões povoadas pelo espírito dos grandes reis!

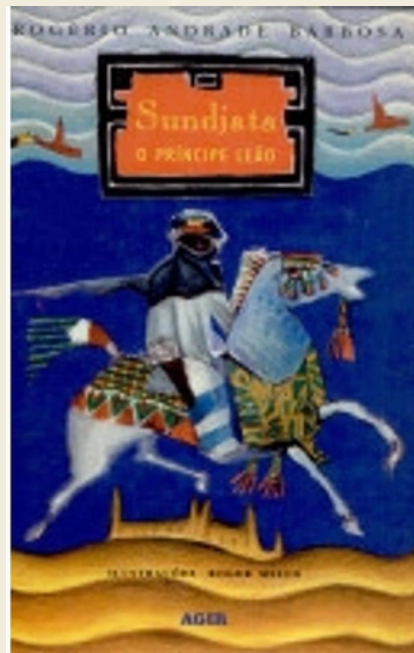
Os baobás e outras árvores gigantescas que vês no Mandinga são os únicos vestígios das cidades desaparecidas.

Para saber mais

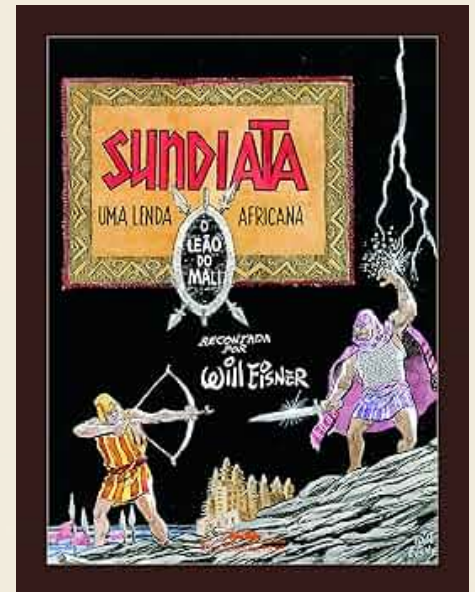
Assim como ocorram variações das publicações de “O gato de botas ou metre de botas”, a história de Sundjata foi retratada de diversas formas, mas tais representações pertence a um imaginário atual.



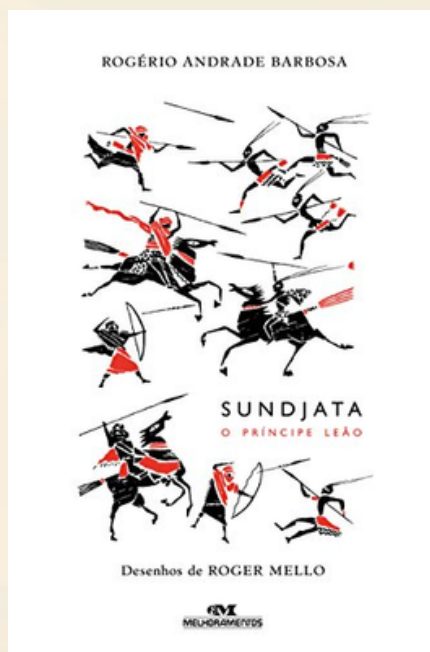
Fonte: Niane (1982)



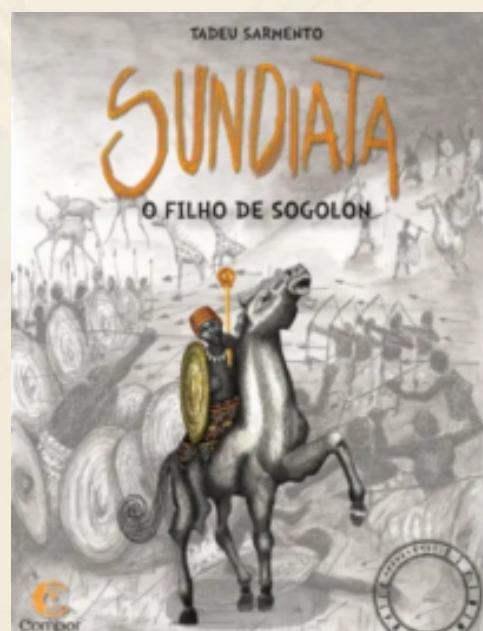
Fonte: Barbosa (1995)



Fonte: Eisner (2002)



Fonte: Barbosa (2014)



Fonte: Sarmiento (2022)

Etapa 4 - Construindo uma narrativa

Agora que você se aprofundou nas fontes e mergulhou na história dessas sociedades, chegou o momento de dar vida a essas informações através de uma narrativa. Sua missão é escrever sobre o passado dessas duas populações, mas lembre-se de responder aquela primeira pergunta: como viviam as populações africanas e europeias no século XVIII? A partir dessa pergunta, utilize seus novos conhecimentos e faça uma análise comparativa das duas regiões, abordando as características, diferenças e semelhanças entre esses universos, levando em conta, principalmente, o conto popular.

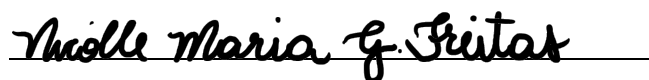
Passo 5 - Compartilhando Descobertas

Chegamos à etapa final da nossa jornada histórica! Após explorar e analisar as fontes históricas e criar sua narrativa historiográfica, é hora de compartilhar o que aprendeu. Planeje uma apresentação envolvente sobre sua pesquisa. Fale sobre como você explorou as fontes históricas, compartilhe suas reflexões e dificuldades, as conexões que fez entre os elementos analisados e os significados que encontrou ao responder às perguntas.

Declaração de autenticidade

Eu, Nicolle Maria Guimarães Freitas, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “O uso de contos populares europeus e africanos da época moderna em sala de aula” foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 20 de fevereiro de 2025.

A handwritten signature in black ink, reading "Nicolle Maria G. Freitas", is written over a horizontal line.

Nicolle Maria Guimarães Freitas